

A TRANSIÇÃO TEÓRICA DE KENNETH FRAMPTON: REGIONALISMO CRÍTICO, TECTÔNICA E FORMA TRANSCULTURAL

THE THEORETICAL TRANSITION OF KENNETH FRAMPTON:
CRITICAL REGIONALISM, TECTONICS AND TRANSCULTURAL FORM

THAÍS PIFFANO-OLIVEIRA

ORCID: 0000-0001-7085-7809

Universidade Federal do Rio de Janeiro

thaispiffano@gmail.com

PRISCILLA ALVES-PEIXOTO

ORCID: 0000-0002-7809-2633

Universidade Federal do Rio de Janeiro

priscillapeixoto@fau.ufrj.br

Cómo citar:

PIFFANO-OLIVEIRA, T. &
ALVES-PEIXOTO, P. (2025).

A transição teórica de
Kenneth Frampton: regio-
nalismo crítico, tectônica
e forma transcultural.
Revista de Arquitectura,
30(48), 218-235. Doi. <https://doi.org/10.5354/0719-5427.2025.78037>

Recibido:

2025-03-08

Aceptado:

2025-05-22

RESUMO

Acompanhamos a trajetória teórica de Kenneth Frampton, com atenção especial na transição entre os conceitos de 'regionalismo crítico' e 'tectônica'. A partir de textos publicados entre as décadas de 1980 e 1990, além da quarta edição ampliada de *Modern Architecture: A Critical History*, o estudo busca compreender como Frampton reelabora seu vocabulário conceitual em resposta a críticas e tensões culturais, sociais e políticas de seu tempo. Longe de indicar uma ruptura, essa transição é interpretada como parte de um mesmo projeto teórico — uma agenda crítica em transformação, mas fiel ao compromisso de defesa de uma arquitetura moderna atenta às especificidades materiais e culturais, em oposição às lógicas de homogeneização. A leitura proposta articula os referenciais teórico-metodológicos da história dos conceitos e a biografia intelectual para observar como certos termos e noções são mobilizados, deslocados e ressignificados ao longo da obra do autor. Se engaja, portanto, numa escrita da história atenta à construção textual de termos, palavras e noções, ao mesmo tempo implicados no curso de uma vida vivida. Ao analisar as fricções entre linguagem, crítica e contexto nos escritos de Frampton, o artigo sugere que a mudança de vocabulário pode ser lida também como forma de autocrítica, e como resposta às exigências de um pensamento arquitetônico mais atento às complexidades do mundo contemporâneo.

PALAVRAS-CHAVE

Comunidades móveis, vida contemporânea, Lisboa, lugar, nômades digitais

ABSTRACT

This article investigates Kenneth Frampton's theoretical trajectory, with particular attention to the transition between the concepts of "critical regionalism" and "tectonics." Drawing on texts published throughout the 1980s and 1990s, as well as the expanded fourth edition of *Modern Architecture: A Critical History*, the study seeks to understand how Frampton reworks his conceptual vocabulary in response to the cultural, social, and political tensions and critiques of his time. Rather than signaling a rupture, this shift is interpreted as part of a continuous theoretical project — a critical agenda in transformation, yet committed to defending a modern architecture attentive to material and cultural specificities, in contrast to the logics of homogenization. The proposed reading articulates the theoretical-methodological frameworks of conceptual history and intellectual biography, in order to observe how certain terms and notions are mobilized, displaced, and resignified throughout the author's work. The article is thus engaged in a mode of historical writing attentive to the textual construction of terms, words, and notions that are simultaneously implicated in the course of a lived life. By analyzing the frictions between language, critique, and context in Frampton's writings, the article argues that his change in vocabulary may also be read as a form of self-critique and as a response to the demands of a more contextually aware architectural thought in the contemporary world.

KEYWORDS

Transcultural form, Kenneth Frampton, critical regionalism, tectonics

INTRODUÇÃO

Este artigo examina discursos textuais do historiador e crítico de arquitetura Kenneth Frampton, especialmente nas suas obras das décadas de 1980 e 1990, além da quarta edição ampliada do livro *Modern Architecture: A Critical History* (2007), trabalhos em que ele permaneceu comprometido com uma agenda crítica dedicada à produção moderna e à discussão de tensões resultantes da ideia de ‘projeto moderno não acabado’ de Jürgen Habermas. Frampton construiu e revisou sua teoria arquitetônica em resposta a contextos éticos, sociais e políticos em escritos que, no entanto, de forma menos heterogênea, apresentaram uma atenção movente entre às noções de ‘regionalismo crítico’, ‘tectônica’ e ‘forma transcultural’.

De maneira mais específica, este estudo volta-se para o modo como essa construção teórica de maturação lenta —uma agenda crítica que possui permanências e mutações— reage a um horizonte ético, social e político atento às “frestas culturais que articulam das maneiras mais inesperadas a Europa e as Américas” (Frampton, 1983a, p. 149)¹.

A produção teórica de Kenneth Frampton tem sido objeto de inúmeros comentaristas de sua obra, sobretudo àqueles que —a favor ou contra— se posicionaram em relação aos seus escritos dedicados ao regionalismo crítico, noção que Frampton tomou de empréstimo de Alexander Tzonis e Liane Lefaivre (1981) e que marcou sua produção nos anos 1980 (Frampton, 1983a; 1983b; 1985; 1987). Das recentes colocações de Stylianos Giamarellos (2022) e García Ramos (2022) às mais antigas e conhecidas reações negativas de Marina Waisman (1989), Alan Colquhoun (1992) e Josep Montaner (2015), encontra-se o reconhecimento da tentativa de Frampton em construir uma reflexão acerca da produção arquitetônica que não tomasse como pressuposto fronteiras nacionais.

Nesta investigação, buscamos analisar o momento em que Kenneth Frampton parece mudar sua ênfase crítica, em que transita entre as noções de regionalismo crítico e tectônica. Ao nos voltarmos para os textos em que o autor aborda essas duas noções buscamos identificar fricções no uso da linguagem, na mobilização de exemplos arquitetônicos e, sobretudo, se haveriam elementos em relação aos quais o crítico manteve-se ‘fiel’ ao longo dessa passagem.

¹Tradução nossa.

Seguindo pistas lançadas nos textos de Ramos (2022), Nesbitt (2013) e Giamarelos (2019, 2022), nossa hipótese é que a passagem de ênfase na noção de regionalismo crítico para a de tectônica é parte de uma mesma ‘agenda crítica’ encampada por Kenneth Frampton, mas que, diante das críticas recebidas precisou reposicionar seu vocabulário e operação crítica. Nesta investigação sobre as continuidades e descontinuidades de usos linguísticos e semânticos nos textos de Frampton, buscamos também verificar a construção de uma espécie de autocrítica, demonstrando como se deu sua reação.

MARCO TEÓRICO

A contribuição de Kenneth Frampton ao regionalismo crítico

O termo ‘regionalismo crítico’ foi criado por Alexander Tzonis e Liane Lefaivre e publicado pela primeira vez no artigo “The Grid and the Pathway”, em 1981, na revista *Architecture in Greece*, com o objetivo de tratar sobre uma produção arquitetônica moderna na Grécia realizada pelos arquitetos Dimitris e Suzana Antonakakis. Frampton utilizou o termo de Tzonis e Lefaivre com uma abordagem diferente e mais abrangente como proposta teórica e foi a partir de seus textos que o regionalismo crítico ficou mais conhecido.

No ensaio “Prospects for a Critical Regionalism”, de 1983 (a), Frampton argumenta que o regionalismo crítico se desenvolveu nas frestas culturais que articulavam das maneiras mais inesperadas a Europa e as Américas, chamando-as de ‘manifestações fronteiriças’. No prefácio à segunda edição do livro *Modern Architecture: A Critical History*, publicado em 1985, ele afirma o regionalismo crítico como um fenômeno, cuja prática arquitetônica já existia desde a década de 1940, citando o exemplo do arquiteto argentino Amancio Williams e de seu projeto para uma casa sobre um riacho em Mar del Plata, construída em 1945. Para Frampton, o regionalismo crítico representa uma forma de arquitetura moderna com inflexões regionais, mas crítica e revisionista.

Ao longo da década de 1980, com base no artigo “Universal Civilization and National Cultures” escrito pelo filósofo francês Paul Ricoeur (1965), Frampton defendeu o regionalismo crítico como proposta de resistência frente à tendência de homogeneização do ambiente construído e como estratégia cultural que buscava estabelecer um processo de assimilação e reinterpretação, por meio da ‘fertilização cruzada’ de uma cultura local e a chamada ‘civilização universal’.

O caráter transatlântico da proposta teórica de Kenneth Frampton tem sido conferido por diversos pesquisadores e críticos de sua obra. Entre os posicionamentos mais recentes, podemos citar a contribuição do pesquisador grego Stylianos

Giamarelos (2022), que observa os seus autores como migrantes europeus para os Estados Unidos, mas que politicamente se identificavam como socialistas ou marxistas, apontando o contexto social e político desta teoria. Giamarelos (2022) também cita, no sentido político, o desapontamento de Frampton com o potencial de resistência no final do século XX, levando-o a concentrar seu discurso na tectônica.

Outro aspecto da dimensão transatlântica da obra de Frampton foi destacado pelo professor Dr. Rui Ramos, na Universidade do Porto, durante a cerimônia de entrega do título de Doutor Honoris Causa a Frampton no ano 2022. Ele observou que o regionalismo crítico não apenas reconheceu as especificidades da arquitetura portuguesa, mas também as inscreveu no cenário internacional; segundo ele, “além de uma dimensão atlântica, entre a Europa e as Américas, num vasto reconhecimento e quadro de influências, que poderíamos chamar de uma arquitetura transoceânica”. Neste sentido, Rui Ramos (2022) observa que a crítica de Frampton inseriu diversas produções na linha da arquitetura moderna fora do domínio eurocêntrico.

Críticas ao regionalismo crítico: Limitações e desafios

A crítica ao regionalismo crítico também não se restringiu às fronteiras e, nos anos 1980, teóricos como Cristián Fernández Cox (1989), Marina Waisman (1989), Alan Colquhoun (1992) e Josep Montaner (2015) levantaram objeções à proposta de Frampton e apontaram as limitações do conceito proposto e a ineficiência do termo. Montaner (2015), por exemplo, apontou uma contradição em Frampton, que parecia propor a resistência de uma posição centralizada, do ‘ápice do imperialismo midiático’.

No final dos anos 1980 e início de 1990, Frampton gradualmente abandonou o uso do termo regionalismo crítico, concentrando-se na noção de tectônica. No entanto, ele manteve a ênfase em exemplos de arquitetos e obras, assim como seu posicionamento de resistência e contrário à arquitetura pós-moderna, que, segundo ele, reduzia a arquitetura a uma mera cenografia.

Em 1996, durante uma palestra na AA School of Architecture, intitulada “Jørn Utzon: Transcultural Form and the Tectonic Metaphor”, Frampton afirmou que escreveu o ensaio “Toward a Critical Regionalism: Six Points for an Architecture of Resistance” (1983b) em resposta a Charles Jenks, mas depois considerou sua abordagem simplista. Embora não tenha negado o regionalismo crítico, Frampton admitiu que se afastou da ideia devido à sua fragilidade retórica e à dificuldade de persuasão, optando por focar na tectônica.

O teórico praticamente abandonou as discussões em torno do termo regionalismo crítico. Ainda assim, continuou a explorar temas relacionados à arquitetura global e à prática arquitetônica capaz de assimilar e reinterpretar influências de culturas diversas. Contudo, mesmo que tenha ocorrido a mudança de enquadramento teórico, Frampton (2007) permaneceu a analisar boa parte dos mesmos arquitetos e obras citados desde a década de 1980, reexaminando os mesmos exemplos e acrescentando arquitetos que atuaram ou vem atuando globalmente, como Jørn Utzon, Álvaro Siza, Tadao Ando, anteriormente reconhecidos como regionalistas críticos, e acrescentando outros nomes, como Rafael Moneo, com todos eles já descolados dos rótulos ou classificações anteriores.

Neste processo de construção teórica e crítica de Frampton, podemos ainda problematizar o deslocar de algumas noções ao longo de seus escritos, como ocorre na noção de fertilização cruzada, do termo *cross-cultural* e da ‘forma transcultural’.

A crítica contemporânea e a tectônica como alternativa teórica

Na ocasião da cerimônia de atribuição do título de Doutor Honoris Causa a Kenneth Frampton pela Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, o professor Rui J. García Ramos (2022) observou que a interpretação da obra de Frampton deve ser iniciada a partir do reconhecimento de sua diversidade de atuação e dos diferentes temas que o teórico vem abordando, não sendo apenas um, mas ‘múltiplos *Kenneth Framptons*’, que se retratam no arquiteto, no militante intelectual, no professor, editor e também no ‘homem atento e de curiosidade incansável’.

Diante do desafio de situar a obra de Frampton, Rui J. García Ramos (2022) optou por elencar três tópicos que seriam, para ele, aspectos decorrentes de sua interpretação particular de seu primeiro contato com Frampton através do livro *Modern Architecture: A Critical History* (1985), que já era presente, segundo Rui Ramos, em 1982, na Escola de Belas-Artes do Porto, devido à circulação da primeira edição em versão espanhola publicada pela editora Gustavo Gili e que provocava comentários entre professores e alunos por trazer “uma outra luz para uma história e para uma arquitetura moderna que, naquele tempo, se defrontava com violentas tempestades” (García Ramos, 2022, p. 4).

O primeiro tópico elencado por Rui J. García Ramos (2022) para abordar a obra de Frampton foi situado no contexto da contribuição das suas ideias que chegaram no processo de saída do isolamento de Portugal do regime autoritário que perdurou até 1974, quando a experiência da arquitetura moderna já passava por contestação, mas que, segundo ele, o meio arquitetônico português tinha um acesso menor de aproximação com o contexto internacional e com os movimentos europeus que questionavam o Movimento

Moderno. Embora o posicionamento de Rui J. García Ramos sobre o isolamento de Portugal possa ser considerado simplificado, dado o debate mais amplo sobre os impactos das revistas especializadas na renovação crítica do urbanismo e da arquitetura no país antes da Revolução (Figueiredo e Seco, 2022), ele observa o papel de Frampton neste processo, que contribuiu para o debate crítico que teria sido possibilitado, principalmente, pela *Revista Arquitectura*, em 1957:

Kenneth Frampton fez parte desta passagem de Portugal para a democracia, quando a modernização dos costumes significava a retoma popular de uma consciência alargada do mundo. As propostas de “um regionalismo crítico e uma arquitetura de resistência” trouxeram o suporte para o reconhecimento das especificidades da arquitetura portuguesa, que assim, juntamente com outros, naquele tempo, permitiram a sua inscrição em espaços de atuação internacionais. (García Ramos, 2022, p. 5)

Segundo Rui J. García Ramos, neste mesmo contexto, outra contribuição de Kenneth Frampton não só para a arquitetura portuguesa, mas para o contexto europeu plural, foi a dimensão atlântica de sua obra. Para ele, Frampton permitiu que fossem estabelecidas pontes e comparações entre diferentes arquiteturas, mais especificamente, entre a Europa e as Américas. García Ramos (2022) afirma que essa atenção de Frampton às diferentes culturas arquitetônicas, mesmo que não utilizasse ainda esses termos, significou para os portugueses uma quebra da solidão decorrente do isolamento pelos anos de submissão ao regime totalitário.

Há, ainda, uma particular menção de Rui García Ramos sobre o olhar diferenciado de Frampton para a arquitetura de Siza, pois teria analisado sua obra como uma reconsideração do ‘projeto moderno inacabado’. Conforme observado por García Ramos, Frampton teria reconhecido em Siza a presença de um projeto moderno “incompleto na busca por um mundo mais justo, equilibrado e culturalmente diverso” (2022, p. 7), que, por isso, se mostra aberto a novas interpretações e caminhos arquitetônicos.

Neste sentido, a observação de Rui García Ramos sobre a maneira como Frampton analisa Siza e a arquitetura portuguesa parece se alinhar com um objetivo mais amplo explicitado pelo teórico no prefácio à quarta edição de *Modern Architecture: A Critical History* (2007). Nele, Frampton (2007) declara acompanhar o posicionamento do historiador marxista Manfredo Tafuri, dizendo ser preocupantes as análises ‘operativas’ da arquitetura e da modernidade, próprias de autores excessivamente eurocentrados e que tanto dominam tradições historiográficas em arquitetura.

Mesmo depois de consolidada a contribuição de seu livro *Modern Architecture: A Critical History* (1985), Frampton continuava expressando, no final da década de 1980, o interesse em reavaliar seu posicionamento em relação à cultura moderna:

Os últimos trinta anos mudaram nossa maneira de avaliar a arquitetura. Agora vemos o nosso século através de uma trajetória muito mais ampla e profunda e, embora não sejamos de forma alguma antimodernos, estamos reavaliando o que tem sido a nossa cultura moderna e qual é a nossa posição em relação às suas diversas vertentes. (Frampton, 1989, p. 6)²

Retomando a apresentação de García Ramos (2022), o último item elencado por ele concluiu sobre a importância que Frampton atribuiu à arquitetura enquanto ‘intermediação iminentemente política’. Em especial, faz menção ao ensaio “The Work of Architecture in the Age of Commodification” (Frampton, 2005) publicado pela *Harvard Design Magazine*, em que Frampton observa que a produção da arquitetura passou a ser vista como uma indústria, da qual se esperava a entrega de um produto que fosse capaz de competir e de satisfazer a retórica populista. Ramos assinalou a contribuição de Frampton no enfrentamento aos desafios de condição política exigidos à disciplina da arquitetura e seu confronto crítico diante das condicionantes socioeconômicas e ambientais.

A leitura proposta por Rui García Ramos permite reconhecer que a obra de Kenneth Frampton se insere no contexto mais amplo de revisão crítica da historiografia da arquitetura moderna nos anos 1980; porém, essa inflexão historiográfica não se deu de forma homogênea. Como foi exemplificado por Ramos, os sentidos atribuídos à obra de Frampton adquirem conotações específicas a partir das condições históricas e culturais em que são recebidos, como no caso português, onde sua leitura coincidiu com o processo de abertura democrática e com a busca por novas referências culturais e arquitetônicas. Dessa forma, o gesto historiográfico de Frampton, ainda que ancorado em uma crítica à tradição eurocêntrica, foi também apropriado como ferramenta de inserção ou reposicionamento internacional por arquitetos e intelectuais em diferentes geografias.

Na mesma época em que Frampton recebeu o título na Universidade do Porto, o arquiteto e historiador grego Stylianos Giamarellos publicou o livro *Resisting Postmodern Architecture: Critical Regionalism before Globalisation* (2022), em celebração aos quarenta anos da noção de regionalismo crítico, observando outros aspectos da contribuição de Frampton. A partir do contexto grego,

²Tradução nossa.

Giamarelos (2022) observa que a teoria do regionalismo crítico deu à arquitetura moderna grega uma visibilidade recuperada pelo discurso de Alexander Tzonis e Liane Lefaivre, teóricos que cunharam o termo.

No entanto, argumenta que, até a década de 1980, a historiografia da arquitetura na Grécia é caracterizada por uma ‘autoimagem dupla’. Isso significa, segundo Giamarelos (2022), que a Grécia seria vista pelos observadores ocidentais tanto como um centro clássico fundamental para a formação da Europa moderna quanto como um lugar marginal, cujas realizações arquitetônicas somente são consideradas legítimas se estiverem alinhadas, ou validadas, com os desenvolvimentos arquitetônicos modernos europeus.

Para Giamarelos (2022, p. 21)³, a relação de margem e centro, própria do regionalismo crítico, teria correspondido à realidade dos arquitetos gregos, mas o autor analisa que “apesar de escreverem sobre a cultura arquitetônica grega como *insiders* informados, Tzonis e Lefaivre⁴ também deram prioridade aos ditames das agendas ocidentais sobre a especificidade do seu material local”. Ou seja, para ele, Tzonis e Lefaivre seriam os responsáveis por dar visibilidade à historiografia moderna da arquitetura grega, mas privilegiaram as influências e diretrizes provenientes do Ocidente, em vez de privilegiar questões e práticas arquitetônicas locais, ainda operando, segundo Giamarelos, sob a lógica de um centro hegemônico.

Em relação ao regionalismo crítico de Kenneth Frampton, embora sua proposta também buscasse valorizar arquiteturas periféricas ou marginalizadas, Giamarelos (2022) observa que a posição estrutural que ele ocupava nos centros de produção teórica internacional acabou por enfraquecer o potencial crítico de sua formulação. Para Giamarelos, o reconhecimento de certos arquitetos como representantes do regionalismo crítico acabou por reforçar dinâmicas de consagração típicas do *star system* arquitetônico, gerando efeitos opostos aos pretendidos. Dessa forma, o discurso de Frampton teria aberto espaços importantes para o debate, mas, na visão do autor, nem sempre conseguiu sustentar, em sua recepção histórica, o enfrentamento efetivo às estruturas de dominação cultural que buscava criticar (Giamarelos, 2022).

No entanto, alguns anos antes, no artigo “Architecture in the History/Theory Nexus: Building Critical Regionalism in Frampton’s Greece” (2019), Stylianos Giamarelos observa que Kenneth Frampton fez uma fusão de estudos que possuíam objetivos específicos diferentes ao resolver unir seus artigos anteriores no capítulo destinado ao

³Tradução nossa.

⁴ Stylianos Giamarelos (2022) problematiza a narrativa proposta por Tzonis e Lefaivre em “The Grid and the Pathway” (1981), segundo a qual o regionalismo crítico grego teria se desenvolvido a partir da influência direta de Aris Konstantinidis e Dimitris Pikionis sobre os projetos de Dimitris e Suzana Antonakakis. Para Giamarelos, essa abordagem permaneceu restrita a uma perspectiva ‘cativa numa discussão virada para dentro’. Em contrapartida, ele propõe que o regionalismo crítico dos Antonakakis se estruturou a partir de uma genealogia transcultural, sustentada pelo contato com mentores cosmopolitas, como Panayotis Michelis, Nikos Hadjikyriakos-Ghika, Mies van der Rohe e James Speyer, além da influência de Pikionis.

regionalismo crítico, na segunda edição de *Modern Architecture: A Critical History* (1985): o primeiro, “Prospects for a Critical Regionalism” (1983a) tratava especificamente da análise de obras arquitetônicas, e o segundo, “Towards a Critical Regionalism: Six Points for an Architecture of Resistance” (1983b) realizava uma abordagem da arquitetura moderna em termos teóricos gerais.

Giamarelos observou que a análise feita por Frampton dos arquitetos gregos Suzana e Dimitris Antonakakis, abordados por Tzonis e Lefaivre em “The Grid and the Pathway” (1981), não se limitava à genealogia estritamente regional mapeada pelos primeiros teóricos. Para além de Dimitris Pikionis e Aris Konstantinidis, Frampton observava referências não regionais igualmente importantes nos trabalhos dos Antonakakis, como Le Corbusier, Aldo van Eyck e Mies van der Rohe.

Para Giamarelos (2019), embora ocorra uma interpretação intuitiva e baseada mais em semelhanças formais do que em referências históricas por parte de Frampton, o teórico realçou o duplo aspecto da obra dos Antonakakis, o qual, segundo Giamarelos, havia sido obscurecido pela interpretação centrada na ‘grealha’ e no ‘caminho’. Observou, portanto, que esta interpretação de Frampton colocou em evidência a dimensão transcultural no centro da noção de regionalismo crítico.

Além disso, Stylianos Giamarelos (2019) insinuou que Frampton provocou uma espécie de ‘curto-circuito’ nas intenções originais do termo regionalismo crítico ao ampliar a sua aplicação a situações distintas daquelas para a qual foi formulado nos trabalhos de Tzonis e Lefaivre. Ao invés de promover uma concentração voltada à região, que neste caso seria a arquitetura grega, o uso feito por Frampton refletiu preocupações mais amplas dos discursos arquitetônicos ocidentais da década de 1980. Giamarelos explica sua tese da seguinte forma:

Como teoria, o regionalismo crítico de Frampton não se baseia, portanto, nos projetos que supostamente o exemplificam. Os projetos históricos não estão diretamente associados aos pontos teóricos. Eles não se seguem uns dos outros na mesma linha de raciocínio, mas apenas se sobrepõem parcialmente. [...] Não se trata de um desalinhamento acidental devido aos relatos de Frampton, necessariamente mediados por uma pessoa de fora, sobre diversos contextos regionais. É antes uma característica estrutural do seu discurso: no regionalismo crítico de Frampton, a teoria vem sempre antes da história. (Giamarelos, 2019, p. 82)⁵

⁵Tradução nossa

Nessa perspectiva, Giamarelos (2019, 2022) defende que as vertentes históricas e teóricas presentes nos argumentos de Frampton foram desenvolvidas individualmente e estabeleciam associações para exemplificar e teorizar em favor do regionalismo crítico sem que essa fosse a intenção central das investigações do autor.

A proposta de Giamarelos sugere uma leitura da contribuição de Frampton atenta não apenas para o conteúdo explícito de seus textos, mas também para os exemplos que seleciona e para o modo como constrói sua análise. Ao destacar que a dimensão transcultural assume um papel central na formulação do regionalismo crítico de Frampton, Giamarelos reinterpreta as escolhas do autor como parte de uma operação discursiva que ultrapassa a intenção original do termo cunhado por Tzonis e Lefaivre. Em sua leitura, a força do discurso de Frampton não reside na coerência entre teoria e exemplo, mas na tensão produtiva entre ambos, revelando uma estratégia argumentativa que projeta a relevância de arquiteturas periféricas para além de seus contextos locais. Assim, mesmo que inserido em centros consolidados de produção teórica, Frampton contribuiu, ainda que de forma ambígua, para a circulação global de projetos que, vistos de seus próprios lugares, foram experimentados como fonte de fortalecimento cultural.

Outra perspectiva da recepção da noção de regionalismo crítico de Kenneth Frampton está na pesquisa desenvolvida pelo historiador da arquitetura Keith Eggener, que observa os fundamentos pós-coloniais de sua teoria. No texto *Placing Resistance: A Critique of Critical Regionalism* (2002), Keith Eggener desenvolve uma crítica ao regionalismo crítico a partir do enquadramento feito por Frampton da obra de Luis Barragán. No ensaio “Prospects for a Critical Regionalism” (1983a), Kenneth Frampton menciona o arquiteto mexicano Luis Barragán, retomando essa referência também em *Modern Architecture: A Critical History* (1985). Em ambas as publicações, Frampton destaca a obra de Barragán no contexto da prática entendida por ele como regionalista crítica considerada aqui como uma ‘arquitetura de resistência’. O autor observa a dimensão topográfica da obra de Barragán em seus projetos residenciais, apontando uma evocação indireta da estância colonial mexicana.

Segundo Eggener (2002, p. 234), a abordagem desenvolvida por Frampton tende a simplificar e generalizar as diferentes culturas e contextos regionais ao se concentrar predominantemente em oposições binárias nas suas análises, como “Oriente/Ocidente, tradicional/moderno, natural/cultural, centro/periferia, eu/outro, espaço/lugar” e acrescenta:

Frampton tornou evidentes os fundamentos pós-coloniais do seu trabalho através das suas frequentes referências ao ensaio de Ricoeur “Universal Civilization and National Cultures”. Tal como o projeto pós-colonialista descrito por Ricoeur, a versão de Frampton do regionalismo crítico girava em torno de um paradoxo central, uma oposição binária: “como tornar-se moderno e regressar às fontes; como reavivar uma velha civilização adormecida e tomar parte na civilização universal”. É a tensão resultante deste problema —a luta para o resolver, mais do que a sua eventual resolução— que alimenta o discurso regionalista crítico. Este fato está subjacente à ênfase de Frampton nas questões da resistência e do processo em detrimento do produto. (Eggener, 2002, p. 234)⁶

A leitura crítica de Keith Eggener em 2002 antecipa debates que viriam a ser aprofundados duas décadas mais tarde. Sua análise, ao evidenciar os fundamentos pós-coloniais da proposta de Frampton, já apontava os limites decorrentes de simplificações presentes na ideia de regionalismo crítico, especialmente quando aplicada a contextos culturais específicos, como é o caso do exemplo criticado por Eggener de Barragán associado por Frampton a uma arquitetura de resistência presente no México. No entanto, com as contribuições mais recentes de autores como García Ramos (2022) e Giamarelos (2019; 2022), se torna possível historicizar a própria crítica desenvolvida por Frampton, inserindo-a em debates mais amplos sobre a crítica arquitetônica e identidade cultural. Ao fazê-lo, não apenas ampliam os horizontes interpretativos da obra de Frampton, como também reconhecem sua relevância no desenvolvimento de uma crítica da arquitetura preocupada com questões de resistência e com a cultural local.

METODOLOGIA

Esta pesquisa adota como referencial teórico-metodológico o cruzamento entre a história dos conceitos, conforme formulada por Reinhart Koselleck (2020), e a biografia intelectual, segundo a abordagem de François Dosse (2009). Trata-se, portanto, de uma escrita da história atenta à construção textual de termos, palavras e noções e, ao mesmo tempo, à trajetória de vida do sujeito que os mobiliza.

Segundo Koselleck (2020), os conceitos condensam respostas linguísticas em diferentes níveis —pragmático, semântico e gramatical— e devem ser compreendidos em relação a contraconceitos e outros termos vizinhos. Cada conceito possui uma estrutura temporal interna e reflete não apenas eventos empíricos, mas condições de histórias possíveis. Assim, a história conceitual exige uma perspectiva interdisciplinar e atenta à articulação entre sincronia e diacronia.

⁶Tradução nossa.

Complementarmente, a biografia intelectual, conforme proposta por Dosse (2009), permite examinar a produção teórica em sua conexão com a trajetória do autor que a desenvolveu, superando dicotomias entre internalismo e externalismo. Ao enfatizar a ‘fusão de existência e ideia’, essa abordagem considera o pensar e o existir como dimensões interligadas, exigindo do pesquisador uma atenção sensível ao sujeito biografado.

Somando as contribuições de Dosse aos métodos de Koselleck, temos, portanto, duas leituras necessárias: a leitura diacrônica, que valoriza a pesquisa interna do autor na confecção de sua obra ao longo do tempo, e que neste estudo entendemos como uma ‘agenda crítica’ ao autor, e a leitura sincrônica, que restitui o contexto intelectual e se posiciona diante das interpelações da época em que cada escrito foi produzido.

Neste cruzamento de aportes metodológicos, tanto a abordagem da história dos conceitos de Reinhart Koselleck quanto a biografia intelectual por François Dosse mostram-se ferramentas que auxiliam a compreensão do processo de construção teórica e conceitual na obra de Kenneth Frampton, especialmente na identificação da linguagem mobilizada na formulação de conceitos, evidenciando que a escolha de termos e expressões não deve ser entendida de forma isolada. A transição que se observa na escrita de Frampton —do vocabulário do regionalismo crítico para a ênfase na tectônica— sinaliza seu esforço em revisitar posições anteriores e dialogar com novas perspectivas teóricas e críticas, por vezes reformulando seus próprios argumentos. Ainda assim, há elementos constantes em sua obra que revelam um eixo persistente de reivindicação crítica: seja por meio de conceitos recorrentes como ‘regionalismo’, ‘topografia’, ‘tradição’, seja pela valorização contínua de certos arquitetos reconhecidos pelo autor como exemplos de uma arquitetura moderna de posicionamento crítico e de resistência —como Alvar Aalto, Jørn Utzon, Álvaro Siza, entre outros. Essas escolhas, tanto conceituais quanto de exemplos arquitetônicos, apontam para uma mesma direção: sustentam, ao longo do tempo, uma agenda crítica coerente e comprometida com os valores sociais e políticos de uma arquitetura de resistência.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Historicizar a produção de Frampton não é a única contribuição dos textos mais recentes sobre sua vida e obra. Trabalhos como de Kate Nesbitt (2013), Gevork Hartoonian (2022) e, do já citado, Stylianos Giamarellos tem ajudado a lançar luzes sobre a necessidade de relacionar dois grandes temas tratados em seus textos: regionalismo crítico e tectônica.

Ao reunir artigos e ensaios na antologia *Uma nova agenda para a arquitetura* (2013), Kate Nesbitt aproximou a noção de regionalismo crítico e de tectônica. Na introdução, os ensaios de Kenneth Frampton, que estão separados nos capítulos temáticos, são aproximados no subtema ‘Lugar e regionalismo’, no qual Nesbitt observa a tectônica no interior da noção de regionalismo crítico. Ao analisar o ensaio “Prospects for a Critical Regionalism” (1983a), ela discorre sobre o discurso de Frampton voltado para as especificidades do lugar e sobre o interesse mais amplo do autor:

Neste, como em outros trabalhos de Frampton, há uma constante referência à problemática marxista da manipulação do consumidor (*admass seduction*) e ao problema da arquitetura concebida e percebida como uma moda efêmera (“formas individualistas de narcisismo”) ou como cenografia. Essa mercantilização do abrigo nega a expressão e a identidade locais. A crítica de Frampton propõe como alternativa uma arquitetura autêntica baseada em dois aspectos essenciais da disciplina: a consciência do lugar e a tectônica. A intenção é reconstituir as bases da arquitetura sem prescrever uma estratégia exclusiva. Assim, uma obra exemplar de arquitetura “evoca a essência onírica do lugar com a inescapável materialidade da construção”. (Nesbitt, 2013, p. 503)

Apesar de separar os textos de Frampton em sessões diferentes em sua antologia, no trecho indicado acima, Nesbitt articula o ensaio “Prospects for a Critical Regionalism” (1983a) à noção de tectônica. Na mesma antologia, ao apresentar o ensaio de Kenneth Frampton chamado “Rappel à l’ordre. The Case for the Tectonic” (1990), Nesbitt (2013, pp. 556-557) ressalta a proposta de Frampton de

resistir à mercantilização do abrigo e à predominância da abordagem pós-moderna do galpão decorado no projeto arquitetônico propalado por Robert Venturi, Denise Scott Brown e outros, e afirma que embora no [...] ensaio ele parece afastar-se do regionalismo, a tectônica permanece como uma importante alternativa de resistência à homogeneização do ambiente construído.

Após a publicação do texto de Nesbitt, também estabelecendo relações entre as noções de regionalismo crítico e tectônica, Giamarelos (2022) observa a necessidade de Kenneth Frampton de seguir suas investigações sobre a tectônica diante de críticas ao discurso do regionalismo crítico que recebeu ao longo dos anos 1980 e 1990:

Frampton ficou cada vez mais desiludido com a frente política progressista e com o seu potencial para resistir ao final do século XX. Sobretudo após a crítica devastadora de Fredric Jameson ao regionalismo crítico enquanto projeto político, no seminário de Delft de 1990. Frampton praticamente abandonou o desenvolvimento do seu discurso para se concentrar mais enfaticamente na cultura tectônica, o outro tema recorrente na sua obra dos anos 1980. (Giamarelos, 2022, p. 14)

Segundo Giamarelos (2022), a crítica de Jameson apontou para a impossibilidade geopolítica da tentativa proposta por Frampton de resistência das culturas regionais, visto que estaria ‘condenada a sucumbir às forças do mercado do capitalismo tardio’, assim como qualquer outra tentativa de arquitetura crítica e regional que fosse ‘autenticamente resistente’.

Apesar de outras críticas terem sido publicadas e debatidas em congressos e seminários ao longo dos anos 1980, Giamarelos (2022) associa o fim do discurso de Frampton sobre o regionalismo crítico ao seminário *Context and Modernity*, que ocorreu em Delft em 1990. Segundo ele, teria sido neste seminário a última vez que os teóricos do regionalismo crítico, Alexander Tzonis, Liane Lefaivre e Kenneth Frampton puderam revisitar o tema e debater juntos. Na época, em uma análise do evento, Richard Ingersoll (1991) registrou que os organizadores do evento optaram por omitir o termo ‘regionalismo crítico’ do título do congresso por ser um ‘termo problemático’, sendo “uma atitude polêmica que, no fim, forçou Tzonis, Lefaivre e Frampton a redefinirem suas teorias” (Ingersoll, 1991, p. 124).

No artigo intitulado “Architecture in the History/Theory Nexus: Building Critical Regionalism in Frampton’s Greece” (2019), Giamarelos também já havia constatado que uma característica estruturante do discurso sobre o regionalismo crítico em Frampton era que a teoria vinha sempre antes da história. Em outras palavras, defendia que Frampton não baseava sua teoria nos projetos que supostamente exemplificam o regionalismo crítico. Para Giamarelos (2019, p. 82, tradução nossa), os projetos que Frampton analisava não estavam diretamente associados aos pontos teóricos: “eles não se seguem uns dos outros na mesma linha de raciocínio, mas apenas se sobrepõem parcialmente”.

Giamarelos (2019, p. 83) acrescentou, ainda, que a partir do ensaio “Labour, Work & Architecture”, publicado em 1969, Frampton começava a adaptar as suas narrativas teóricas às ideias de sua leitura sobre Hannah Arendt. Para o pesquisador, as leituras fenomenológicas de Frampton sobre o lugar e a habitação ganhavam,

a partir desta fase, um toque político adicional. Este interesse pela análise da forma arquitetônica dentro de seu contexto sociopolítico se tornaria, para Giamarelos, a ambição teórica mais significativa nos escritos de Frampton posteriores à crítica aos seus textos dedicados exclusivamente ao regionalismo crítico.

No livro *Reading Kenneth Frampton: A Commentary on Modern Architecture, 1980* (2022), Gevork Hartoonian afirma que, mesmo já em *Studies in Tectonic Culture* (1995), Frampton ainda não tinha desistido de sua missão de resgatar os aspectos da cultura da construção, especificamente na relação do tipo/tectônica em particular, que poderiam ser meios de resistir ao excesso de mercantilização.

Esta postura de resistência de Frampton e o seu particular interesse nos aspectos de especificidades da construção pode estar vinculado ao seu contato com os escritos de Martin Heidegger, declarado pelo próprio autor, inclusive as ideias sobre Heidegger adaptadas por Hannah Arendt. A partir da década de 1970, a adesão de Frampton à postura filosófica desses autores contribui para os seus ideais quanto à discussão sobre a criação de lugares, onde intencionalmente o autor abre também a discussão sobre os modos de produção arquitetônica numa esfera pública ativa.

Diante desse panorama, revela-se relevante revisitar os textos de Kenneth Frampton, superando abordagens que tratam de forma dissociada seus escritos sobre o regionalismo crítico e sobre a tectônica. Ao estabelecer relações entre essas duas noções, é possível reconstituir os nexos que sustentam a coerência de sua construção teórica ao longo do tempo e evidenciar a articulação crítica que perpassa toda a sua trajetória intelectual. A leitura cruzada de Kate Nesbitt e de Stylianos Giamarelos demonstra que essa reconstituição não apenas é viável, como já se encontra enunciada nos estudos recentes, ainda que sem um aprofundamento específico nesse sentido. O trabalho de Giamarelos, em particular, enfatiza a importância de uma releitura de Frampton não apenas a partir de suas formulações teóricas explícitas, mas também por meio da análise dos exemplos arquitetônicos que mobiliza, reconhecendo neles uma articulação subjacente entre preocupações sociopolíticas e a busca pela materialidade construída como forma de resistência crítica.

CONCLUSÕES

As propostas de regionalismo crítico e de tectônica estão entre as maiores contribuições de Kenneth Frampton ao debate crítico da arquitetura nos anos 1980 e 1990. As traduções em diversos idiomas de *Modern Architecture: A Critical History* (1985) popularizaram a interpretação de Frampton sobre a história da arquitetura moderna e consolidaram o regionalismo crítico na historiografia arquitetônica,

destacando-o como um fenômeno presente na prática de arquitetos que preservaram algum vínculo com culturas regionais. Nos anos 1980, a tectônica foi apresentada como elemento característico do regionalismo crítico. No entanto, a partir dos anos 1990, Frampton se distanciou do regionalismo crítico como proposta teórica para análise das práticas projetuais contemporâneas e a noção de tectônica passou a ser o tema central de suas publicações.

Nos textos analisados, observa-se a recorrência de termos como ‘resistência’, ‘regionalismo’, ‘tectônica’, ‘retaguarda crítica’ e ‘transcultural’, sendo termos ou expressões vinculados a pensamentos filosóficos mais amplos, com implicações políticas e sociais. Um exemplo significativo é a noção de ‘civilização universal’, extraída do pensamento de Paul Ricoeur, ou ainda o próprio termo ‘regionalismo crítico’, cunhado por Alexander Tzonis e Liane Lefaivre, que inicialmente carregava implicações políticas e sociais no contexto de transformações da sociedade grega. Já a expressão ‘forma transcultural’, empregada por Frampton a partir da década de 1990, substitui a ideia de ‘fertilização cruzada — também inspirada em Ricoeur —, mas só ganha densidade interpretativa quando associada a exemplos concretos, como na obra do arquiteto dinamarquês Jørn Utzon no livro *Studies in Tectonic Culture* (Frampton, 1995). Ainda assim, o termo ‘transcultural’ não chega a ser conceituado por Frampton, permanecendo como uma noção em aberto e sustentada pela força evocativa dos exemplos que o acompanham.

A análise dos escritos selecionados de Frampton confirma a continuidade de pensamento do autor entre seus estudos sobre o regionalismo crítico e a tectônica, mostrando que ambos não são discursos desconexos, mas partes de uma mesma agenda crítica. O percurso teórico de Frampton, evidentemente não linear, está entrelaçado a uma rede de debates teóricos e críticos, sendo o regionalismo crítico e a tectônica temas complementares e indissociáveis de sua produção teórica e crítica.

FINANCIAMENTO

Esta pesquisa possui o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES), Código de financiamento 001, anos 2019-2023.

CONFLITO DE INTERESSES

As autoras não têm conflito de interesse a declarar.

DECLARAÇÃO DE AUTORIA

Thaís Piffano Oliveira: Conceitualização; investigação; redação da versão original; redação, revisão e edição.

Priscilla Alves Peixoto: Redação, revisão e edição; metodologia e supervisão.

REFERÊNCIAS

- Colquhoun, A. (1992). O conceito de regionalismo. *Projeto*, 159, 76-77.
- Dosse, F. (2009). *O desafio biográfico: Escrever uma vida* (Trad. G.C.C. de Souza). Universidade de São Paulo.
- Eggenger, K. L. (2002). Placing Resistance: A Critique of Critical Regionalism. *Journal of Architectural Education*, 55(4), 228-237. <https://doi.org/10.1162/104648802753657932>
- Fernández Cox, C. (1989). Modernidad apropiada. *Arquitecturas del Sur*, 5(14), 2-5.
- Figueiredo, R. e Seco, R. (2022). Resonance and Reinvention: Debate and Urban Practice before the Portuguese Revolution. *Proyecto, Progreso, Arquitectura*, 27, 64-81. <https://doi.org/10.12795/ppa.2022.i2705>
- Frampton, K. (1983a). Prospects for a Critical Regionalism. *Perspecta: The Yale Architectural Journal*, 20, 147-162. <https://doi.org/10.2307/1567071>
- Frampton, K. (1983b). Toward a Critical Regionalism: Six Points for an Architecture of Resistance. Em H. Foster (Ed.), *The Anti-aesthetic: Essays on Postmodern Culture* (pp. 16-30). Bay Press.
- Frampton, K. (1985). *Modern Architecture: A Critical History*. (2nd ed.). Thames & Hudson.
- Frampton, K. (1987). Ten Points on an Architecture of Regionalism: A Provisional Polemic. Em L.W. Speck (Ed.), *Center 3: New Regionalism* (pp. 20-27). Center for American Architecture and Design, University of Texas at Austin.
- Frampton, K. (1989). For Dimitris Pikionis. Em P. Johnston (Ed.), *Dimitris Pikionis, Architect 1887-1968: A Sentimental Topography* (pp. 6-9). Architectural Association.
- Frampton, K. (1990). Rappel à l'ordre: The Case for the Tectonic. *Architectural Design*, 60(3-4), 19-25.
- Frampton, K. (1995). *Studies in Tectonic Culture: The Poetics of Construction in Nineteenth and Twentieth Century Architecture*. The MIT Press.
- Frampton, K. (2005). The Work of Architecture in the Age of Commodification. *Harvard Design Magazine*, 23, 1-5.
- Frampton, K. (2007). *Modern Architecture: A Critical History* (4th ed.). Thames & Hudson.
- García Ramos, R. J. G. (2022). *Kenneth Frampton: Elogio. Doutoramento Honoris Causa pela Universidade do Porto do professor Francesco Dal Co e do professor Kenneth Frampton*. Universidade do Porto.
- Giamarelos, S. (2019). Architecture in the History/Theory Nexus: Building Critical Regionalism in Frampton's Greece. *OASE*, 103, 79-85.
- Giamarelos, S. (2022). *Resisting Postmodern Architecture: Critical Regionalism before Globalisation*. UCL Press.
- Hartoonian, G. (2022). *Reading Kenneth Frampton: A Commentary on Modern Architecture, 1980*. Anthem Press.
- Ingersoll, R. (1991). Context and Modernity: Delft, June 12-15, 1990. *Journal of Architectural Education*, 44(2), 124-125. <https://doi.org/10.1080/10464883.1991.11102679>
- Koselleck, R. (2020). *Histórias de conceitos: Estudos sobre a semântica e a pragmática da linguagem política e social* (Trad. M. Hediger). Contraponto.
- Montaner, J.M. (2015). *Arquitetura e crítica*. Gustavo Gili.
- Nesbitt, K. (Org.). (2013). *Uma nova agenda para a arquitetura: Antologia teórica (1965-1995)* (Trad. V. Pereira, 2da. edição). Cosac Naify.

- Ricoeur, P. (1965). Universal Civilization and National Cultures. Em P. Ricoeur, *History and Truth* (Trad. C.A. Kelbley) (pp. 271-284). Northwestern University Press.
- Tzonis, A. e Lefaivre, L. (1981). The Grid and the Pathway: An Introduction to the Work of Dimitris and Suzana Antonakakis, with Prolegomena to a History of the Culture of Modern Greek Architecture. *Architecture in Greece*, 15, 164-178.
- Waisman, M. (1989). Para una caracterización de la arquitectura latinoamericana. *Arquitecturas del Sur*, 5(14), 8-10.